

## ELEIÇÕES BRASILEIRAS

2022 EDIÇÃO  
ESPECIAL

Rodrigo Augusto Prando<sup>1</sup>

### ENSAIO

#### JAIR BOLSONARO: 2018-2022 – DISCURSO, AÇÃO POLÍTICA E ELEIÇÕES

#### JAIR BOLSONARO: 2018-2022 – SPEECH, POLITICAL ACTION AND ELECTIONS



### INTRODUÇÃO

Buscar-se-á à guisa de ensaio trazer à tona aspectos políticos e seus respectivos contextos em relação ao ano de 2018 do então candidato e presidente eleito, Jair Messias Bolsonaro e, em 2022, o candidato à reeleição, Bolsonaro.

De 2018 a 2022, contudo, há elementos que merecem atenção no que tange ao discurso e à ação política de Bolsonaro e dos bolsonaristas.

Houve, nestes mais de três anos de Governo Bolsonaro, uma vigorosa produção intelectual de cientistas sociais, historiadores, jornalistas e intelectuais que se debruçaram acerca do fenômeno político que levou à eleição do atual presidente da república, bem como pesquisas atinentes à emergência da direita, de uma nova direita, da extrema direita, do tensionamento e dos ataques à democracia, da morte da democracia, do populismo, das redes sociais, dos fenômenos das *fake news*, da pós-verdade, das teorias da conspiração e do negacionismo.

Impossível, obviamente, apresentar, aqui, ao leitor um balanço da eleição de 2018, dos pontos principais do Governo Bolsonaro e da eleição de 2022, que, ainda, não chegou ao primeiro turno. No entanto, objetiva-se, dentro de limites claro, apresentar uma visão panorâmica do ambiente político e da ação política levada a cabo por Bolsonaro.

Às vésperas do primeiro turno, agora, em 2022, muitos analistas, jornalistas e formadores de opinião ainda não entendem a lógica intrínseca à política bolsonaristas. Da mesma forma que, em 2018, Bolsonaro era tratado como uma personalidade tosca, folclórica e limitada às redes sociais, novamente, nos dias que correm, transparece um preconceito em relação a Bolsonaro como, durante anos, o mesmo ocorria em relação a Lula. Dizem, os apoiadores de Lula, que Bolsonaro não passa de um ignorante, fascista, genocida; afirmam, de outra parte, os bolsonaristas, que Lula é um ignorante, pouco estudado, corrupto e que quer voltar à cena do crime. Da militância política espera-se, sempre, defesas e ataques apaixonados em relação aos seus candidatos e aos adversários.

Os analistas, entretanto, devem, por dever de ofício, ultrapassar a superficialidade das opiniões e mergulhar mais a fundo, objetivando melhor compreender os elementos estruturais e conjunturais envolvidos nos processos históricos. Reclama-se, no bojo das análises, de imaginação sociológica e de imaginação política. É assaz simplista, por exemplo, afirmar que o eleitor de Bolsonaro é um tosco e que, por isso, vota num candidato que tem ideologia e valores próximos dos seus. Sem dúvida, que tal fato se dá: muitos dos que votaram e que votarão em Bolsonaro são, assim como ele, prenhes de uma visão de mundo

<sup>1</sup> Professor e Pesquisador da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Graduado em Ciências Sociais, Mestre e Doutor em Sociologia, pela Unesp.

que, não raro, é autoritária, preconceituosa e avessa aos princípios republicanos. O busílis da questão é que muitos outros não concordam com todas as ideias ou ações de Bolsonaro e, novamente, votarão nele.

Bolsonaro, em 2022, deixa de ser uma pedra que, em grande parte de sua trajetória política, foi atirada nas vidraças de seus adversários – convertidos em inimigos – e no próprio sistema político e nas instituições. O candidato à reeleição é, hoje, uma grande vidraça e coloca seu governo na berlinda da avaliação da opinião pública. Seu principal contendor, Lula, apresenta-se como opção, opção que mira no passado e, com isso, quer comparar-se ao governo em voga. Em breve, saberemos o resultado do embate político-eleitoral.

## UMA ELEIÇÃO DISRUPTIVA?

Há quem, nos estudos acerca da eleição de 2018, tenha considerado a vitória de Jair Bolsonaro como uma eleição disruptiva<sup>2</sup>. O contexto social, econômico e político, em 2018, deixava claro que os candidatos que se colocassem como oposição ou antissistema ou mesmo *anti-establishment*. O Brasil conhecia os estertores do Governo Michel Temer e a avaliação era sofrível (mais de 60% de ruim e péssimo e apenas 7% de ótimo e bom).

Além disso, a força da Operação Lava Jato estava presente na mídia e no sentimento de parcela considerável dos brasileiros cansados e revoltados, em muitos casos, com a corrupção.

Neste cenário, o Juiz Sérgio Moro encarna, no imaginário político, a figura de herói que não apenas julgou os responsáveis pelas ações de corrupção, mas, sobretudo, que levou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva à prisão, após condenação em segunda instância. Não à toa, o epíteto “República de Curitiba” tornou-se comum e Moro junto aos Procuradores do Ministério Público são guindados ao estrelato midiático e, por

isso, eram depositários de esperança de parte da população.

O Partido dos Trabalhadores (PT) estava no seu pior momento: Lula preso e não podendo concorrer à eleição, a vívida lembrança dos casos de corrupção no bojo do governo petista e o impeachment de Dilma Rousseff. Nos últimos momentos, a decisão petista veio de lançar a candidatura de Fernando Haddad para a presidência da república, no lugar de Lula, preso e impedido de disputar por conta da Lei da Ficha Limpa, tendo sido condenado em segunda instância, condenação colegiada.

Foi, portanto, neste ambiente que Jair Messias Bolsonaro, deputado federal pouco expressivo, do chamado “baixo clero”<sup>3</sup>, foi ganhando corpo e musculatura política e eleitoral. Sua trajetória parlamentar era vista como pouco séria, recheada de episódios alicerçados sobre preconceito e de elogios ao Regime Militar e à ditadura instaurada, bem como tecia loas aos conhecidos torturadores. Durante do governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), o então deputado Bolsonaro, em entrevista, havia dito que o erro da ditadura foi não matar mais, já que, em sua visão, deveriam ter matado uns 30 mil e começando pelo próprio presidente. Obviamente, alguns inocentes teriam morrido, mas esse era o preço para escapar dos perigos da esquerda, dos comunistas.

Bolsonaro foi, na sua formação, militar, de baixa patente, mas com alto potencial explosivo, no sentido figurado e concreto. Foi julgado e expulso do exército e, em sua saída, recebeu a patente de Capitão<sup>4</sup>. Um de seus planos era explodir adutores de água objetivando chamar a atenção para os ganhos salariais dos militares. Assim, mesmo tendo sido expulso do exército, foi formando sua base política entre militares, das Forças Armadas e das polícias. Foi, primeiramente, eleito vereador pela cidade do Rio de Janeiro, onde fincou raízes junto à sua família. Na condição de Presidente da República, Bolsonaro conta com

<sup>2</sup> A eleição disruptiva é tratada por Moura e Corbellini (2019).

<sup>3</sup> Carvalho (2019) e Ghiraldelli (2019) explicam parte da trajetória de Bolsonaro.

<sup>4</sup> Carvalho (2019).

três dos filhos no mundo político: um vereador no Rio de Janeiro, um deputado federal e um senador da república; Carlos Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro e Flávio Bolsonaro, respectivamente. Sobre o senador Flávio Bolsonaro encontram-se, com idas e vindas, suspeitas da prática de “rachadinha” em seu gabinete, ou seja, funcionários que, após receberam seus salários como assessores parlamentares, devolviam boa parte ao político.

Uma família na política, em posições importantes, com acesso às redes sociais e com um pai candidato à presidência. Combinação perfeita para jogar por terra as considerações de Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, de que o Estado não pode ser continuação dos interesses familiares. O chamado Clã Bolsonaro entende o Estado, a política e as questões públicas como extensão de seus interesses privados. Jair Bolsonaro nunca foi afeito à liturgia do cargo, seja qual cargo fosse, mas fica assaz alterado ao ser questionado sobre seus filhos, ex-esposas ou esposa ou em relação aos seus amigos<sup>5</sup>.

São abundantes os exemplos de falas de Bolsonaro que, no universo político, conseguiam chamar a atenção da mídia<sup>6</sup>. Seu perfil constituiu-se, assim, num político que era sincero, autêntico<sup>7</sup>, o verdadeiro “tio do churrasco”, que, em todas as famílias, está representando naquele que faz piadas ou brincadeiras preconceituosas, mas é querido por boa parte dos familiares. Numa discussão com uma parlamentar, uma deputada do PT, Bolsonaro disse que não a estupraria porque ela não merecia, em alusão de que, no Regime Militar, a prática foi, infelizmente, verificada em situações de prisão e tortura de mulheres. Noutro episódio, disse à uma conhecida artista que o seu filho não se casaria com uma negra, pois havia sido bem-educado. Sempre

representante de um modelo machista, Bolsonaro disse que preferia um filho morto a o encontrar com um outro homem. Acerca da população negra e quilombola afirmou que eles pesavam muitas arrobas e que sequer serviam para reproduzir. No seu voto pelo impeachment de Dilma Rousseff, dedicou ao militar Carlos Brilhante Ustra, notório torturador e, em suas palavras, o “terror de Dilma Rousseff” (Dilma havia sido presa e torturada na Ditadura). Em relação às mulheres, asseverou que tinha tido quatro filhos homens e, num momento de fraquejada, teve uma filha; ou, então, quando deixou claro que mulher deveria ganhar menos que os homens no mercado de trabalho. Há, à disposição, livros que coligem parte substancial de todas essas afirmações de Bolsonaro ao longo de sua trajetória.

Um desavisado pode questionar: como uma figura política como Jair Bolsonaro conseguiu ser eleita? Parte considerável dos jornalistas, dos analistas e dos cientistas políticos não acreditava na vitória de Bolsonaro. Muitos tinham a crença de que na campanha eleitoral os seus adversários iriam colar em Bolsonaro a marca de um político raso, preconceituoso, pouco aparelhado intelectualmente e de valores autoritários. Não tardou para que ficasse conhecido como “candidato teflon”, pois as críticas não colavam nele de jeito nenhum. Outros tantos apostavam: nos debates será trucidado pelos adversários. Participou, salvo melhor juízo, de apenas dois debates e teve desempenho sofrível. Um evento impactante e que o preservou do debate com os adversários e questionamentos mais profundos dos jornalistas foi o atentado que sofreu sendo esfaqueado no estado das Minas Gerais.

Não raro, atribuem sua vitória a essa facada, mas isso é incorreto<sup>8</sup>. Analisando as

<sup>5</sup> Para melhor entender as fronteiras - e quando estas são ultrapassadas - do Estado e da família, pode-se consultar Holanda (2006), especialmente, no capítulo “O homem cordial”, bem como Almeida (2007) que, ao desvendar a “cabeça do brasileiro”, trata do tema nos seguintes capítulos: Cap.1 “Corrupção: com jeitinho parece que vai”, Cap. 3 “Cada um cuida do que é seu e o governo cuida do que é público” e Cap. 4 “Fatalista, familista e com pouco espírito público”.

<sup>6</sup> Barreto Jr. (2021) colige 1.560 frases proferidas por Bolsonaro e seus seguidores.

<sup>7</sup> Segundo Moura e Corbellini (2019), as pesquisas qualitativas sempre apontavam que, para muitos, Bolsonaro era caracterizado como autêntico, sincero, que falava o que tinha que falar sem se importar com os resultados ou com o ambiente no qual estava.

<sup>8</sup> Cf. em Moura e Corbellini (2019) e Almeida e Garrido (2022).

pesquisas e o cenário geral, Bolsonaro foi o candidato que, dado o esgarçamento das relações políticas, da situação difícil do PT e da péssima avaliação do Governo Temer, assumiu a posição de oposição e, no seu caso, oposição a “isso tudo que está aí”. As eleições de 2018 tiveram uma parcela significativa de participação das redes sociais<sup>9</sup>. Enquanto os candidatos montavam suas equipes de campanha no universo digital, Bolsonaro já era chamado de mito a pelos uns dois anos.

Uma nova direita (para alguns uma extrema direita) já mostrava seus primeiros sinais nas comunidade do *Orkut* e, depois, foi ganhando terreno em outras redes sociais. Em muitos casos, nas universidades e nos meios de comunicação, apresentar-se como alguém de direita era colocar-se na posição de alguém que seria estigmatizado e marcado como um defensor da ditadura, do arbítrio do Regime Militar brasileiro. Assim, enquanto o *lulopetismo* governava (Lula por oito anos e Dilma por seis) engendrava-se, no bojo da política nacional, núcleos e personalidades que ganhavam destaque por não apenas apresentar-se como de direita, mas, abertamente, lutando contra a esquerda em geral e o PT em particular.

O falecido e autointitulado filósofo Olavo de Carvalho jogou papel fundamental na formação desta nova direita<sup>10</sup>. Suas ideias e a forma como escrevia ou se comunicava por meio das redes sociais e com seus cursos foram fundamentais para elaborar um conjunto de valores compartilhados. A retórica *olavista* foi, assim, de encontro com a prática política bolsonaristas, mormente, no que tange à violência simbólica que transformava adversários em inimigos. Vale, aqui, ressaltar que o *lulopetismo* foi uma eficiente fábrica de construção de narrativas. Foram deles a formulação “herança maldita” para caracterizar a gestão tucana de FHC; de que o PSDB havia quebrado o Brasil várias vezes; de Lula que, sempre, bradava “nunca antes na história desse país”; do famigerado “nós contra eles” ou em 2014

quando Marina Silva foi caracterizada pelos petistas como alguém que tiraria comida da mesa do trabalhador. No campo discursivo, não foi Bolsonaro ou os bolsonaristas que criaram essa onda de ataques aos adversários, mas Bolsonaro e os seus surfaram essa onda como poucos.

O fato é que, lembrando Maquiavel, a política é o que ela é e não o que gostaríamos que ela fosse, Bolsonaro e seu estilo discursivo conjugado à sua ação política com viés populista, preconceituoso, familista e autoritário caiu nas graças de parte considerável do eleitorado. Seus eleitores, em 2018, não foram apenas dos bolsonaristas raiz, aqueles que seguem e seguirão Bolsonaro em qualquer opção, inclusive dos ataques à democracia e às instituições; foram, também, os que se colocavam como antipetistas, conservadores, religiosos (especialmente, no campo evangélico), liberais e muitos, não nos esqueçamos, que, como Bolsonaro, são preconceituosos e autoritários e se sentiram plenamente representados pelo político sincero e contra o politicamente correto.

Em decisão em segundo turno, Bolsonaro venceu Haddad e tornou-se presidente da república.

## OS PILARES DO NOVO GOVERNO: LIBERALISMO E CORRUPÇÃO

Já durante a campanha eleitoral, Bolsonaro apresenta suas ideias-forças: liberalismo na economia (privatizando e diminuindo o tamanho do Estado) e o conservadorismo nos costumes. Seu lema: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Bolsonaro foi, como deputado, absolutamente distante dos princípios do liberalismo econômico. Foi, em sua dimensão política, corporativista, estatizante e intervencionista. Contudo, nas eleições, Bolsonaro assumiu entender pouco de economia, mas que tinha seu “Posto Ipiranga”, o economista liberal Paulo Guedes. Assim,

<sup>9</sup> Há bons estudos acerca do fenômeno da direita e da extrema direita: Nobre (2020); Pinheiro-Machado e Freixo (2019); Prado (2021); Rocha (2021a)

<sup>10</sup> Pode-se consultar os próprios livros de Olavo de Carvalho: Carvalho (2018a e 2018b) e especialistas que estudaram o impacto de Olavo de Carvalho na política brasileira: Carvalho e Bugalho (2020); Prado (2021); Rocha (2021a) e Rocha (2021b).

sinalizando para o mercado, um dos pilares de seu plano de governo era alicerçado por Guedes, liberal da Escola de Chicago.

Além disso, o desgaste do PT e a luta contra corrupção teve, no Governo Bolsonaro, uma presença ilustre: Sergio Moro. Moro abandonou a magistratura e foi convidado para assumir o Ministério da Justiça e isto significava, à luz dos bolsonaristas e lavajatistas, que Moro poderia replicar sua experiência promovendo uma grande e eficiente Operação Lava Jato. Uma Lava Jato nacional que fosse capaz de nos purgar e livrar de toda a corrupção.

Logo após a eleição, com Bolsonaro já vitorioso, Paulo Guedes já confirmado um ministro todo poderoso, superministro, conjugando várias pastas sob sua responsabilidade, foi se encontrar com o Presidente do Senado, Eunício Oliveira (MDB). Na ocasião, Guedes pressionou Oliveira para que este pautasse logo a reforma da previdência, ainda no Governo Temer, mas que, para isso, o Presidente Temer deveria encerrar a intervenção federal no estado do Rio de Janeiro. Desconhecendo a liturgia do cargo e pressionando o presidente do Senado, Guedes causou má impressão pois queria pressionar um parlamentar sem nem mesmo ter assumido sua posição no novo governo. Depois, para piorar, Guedes declarou que havia dado uma “prensa” no Senado. Oliveira afirmou, aos jornalistas, que quem havia acompanhado a conversa tinha ficado horrorizado com a atitude arrogante de Guedes e declarou que “Esse povo que vem aí não é da política; é da rede social”. Depois, como se sabe, a reforma da previdência foi aprovada muito mais pelo empenho de Rodrigo Maia (DEM), do que pela força política ou articulação proveniente do Presidente Bolsonaro ou de suas lideranças no Congresso Nacional.

Já Sérgio Moro, guindado à condição de Ministro da Justiça e da Segurança Pública, não demorou a se desentender com Bolsonaro, pois no âmbito da Justiça e, principalmente, da Polícia Federal (PF) existiam investigações que miravam alguns dos filhos e amigos do presidente da república. Em inúmeras ocasiões, Bolsonaro

desautorizava Moro e, segundo o linguajar dos jornalistas cronistas de Brasília, “fritava” em público seu ministro. Ao que tudo indica, Moro era importante para sinalizar à sociedade e ajudar na eleição e, no governo, era dispensável. Numa das trocas da direção da Polícia Federal, Moro deixa o governo acusando Bolsonaro de interferir politicamente na PF visando interesses não republicanos e ao arripio da lei. Tal fato engendrou nova investigação do presidente.

Praticamente por todo o mandato, tanto Guedes como Moro, perderam status e poder. Guedes até poderia ter tido boas intenções, mas as ações políticas do presidente não foram efetivas na direção do liberalismo econômico, da liberdade econômica, das privatizações no volume prometido e das reformas estruturantes, também prometidas. O cenário pandêmico veio a exigir, como não poderia deixar de ser, mais Estado e ação direta e concreta do governo objetivando mitigar as crises sanitária e econômica provenientes da Covid-19. Ademais, o estilo confrontador de Bolsonaro – e, a partir de determinado momento, com ajuda de Guedes – impediu a tranquilidade e previsibilidade que o mercado sempre almeja no campo político.

Moro, por sua vez, deixou o governo e foi para o exterior, trabalhar na iniciativa privada. Sua conduta como juiz, contudo, foi questionada não apenas politicamente pelos petistas, mas, também, por diversos juristas. O Supremo Tribunal Federal (STF) considerou Moro um juiz parcial e, além disso, as ações que tiveram a Vara de Curitiba foram anuladas e, por conta da idade, vários crimes dos quais Lula havia sido investigado e condenado tornaram-se prescritos. Áudios obtidos por hackers mostravam conversas e trocas de mensagens entre Moro e Procuradores da Força Tarefa da Lava Jato e em tais diálogos, operadores do Direito entenderam que, de fato, Moro combinava ações com a Procuradoria e, portanto, não havia sido imparcial e garantido a paridade de armas entre a acusação e defesa no julgado do ex-presidente Lula. Retornando ao Brasil, Moro filiou-se a um partido político na intenção de disputar a presidência da república,

todavia, mudou de partido e abandonou a pretensão presidencial com vistas a disputar uma vaga como Senador, mas pelo estado de São Paulo. A justiça eleitoral não reconheceu que Moro possuía vínculos com São Paulo e o ex-juiz e ex-ministro voltou ao Paraná para dar continuidade à disputa por aquele estado.

Dos vários conjuntos de ministros de Bolsonaro, havia, resumidamente, o grupo ideológico; o grupo militar e o chamado grupo de ministros técnicos. Guedes e Moro, escolhas de Bolsonaro, fizeram (Moro) e faz (Guedes) parte deste último. Bolsonaro e os bolsonaristas, na campanha e no governo, bradavam, peremptoriamente, que estavam ali contra a “velha política”, contra o sistema. Destes dois pilares inaugurais do bolsonarismo, pouco sobrou até meados de setembro de 2022.

## A VELHA POLÍTICA E O BOLSONARISMO: O DISCURSO É ENCANTADOR

Conforme dito acima, 2018 conjugou um cenário que se apresentou assaz favorável aos candidatos de oposição e quem encarnou a mudança, naquele estilo de que se tem que mudar tudo, para que tudo permaneça como estava, foi Bolsonaro.

No discurso de campanha, Bolsonaro<sup>11</sup> atacou a esquerda e o aparelhamento do Estado pelo PT. Atacou o politicamente correto. Atacou a reeleição. Atacou a imprensa e os jornalistas. Atacou as mulheres, negros, homossexuais. O tom beligerante, imaginava-se, cessaria com o início das responsabilidades de governar. Imaginava-se, ainda, que os ministros técnicos e os militares imprimiriam um teor de racionalidade ao governo e amainariam os arroubos presidenciais. Ledo engano.

A governabilidade, no Brasil, povoado de

muitos partidos, sempre exigiu do presidente vitorioso, diálogo, concessões e compartilhamento, em maior ou menor grau, do poder político. Assim, na clássica tese de Abranches teríamos um “presidencialismo de coalizão”<sup>12</sup> ou, décadas depois, a argumentação de Marcos Nobre o “pemedebismo”<sup>13</sup>. Fernando Henrique Cardoso asseverou, em uma de suas obras, que o PT havia substituído o “presidencialismo de coalizão” pelo “presidencialismo de cooptação”<sup>14</sup>, especialmente, no famigerado caso do Mensalão. Bolsonaro, por sua vez, inaugurou um “presidencialismo de confrontação”.

No presidencialismo de confrontação, mais importante do governar é confrontar. Desta forma, Bolsonaro manteve, ao longo de todo o seu mandato, as relações tensas com a sociedade, com a mídia, com ONGs, com cientistas, com os chefes dos outros Poderes (Legislativo e Judiciário), com artistas e intelectuais, com as instituições da república, com órgãos governamentais e até com governantes estrangeiros. A política deixou de se apresentar como um confronto de ideias, valores e projetos, cuja existência de adversários é reconhecida e até saudável. No bolsonarismo, o adversário tornou-se inimigo e, no universo bélico, o inimigo deve ser eliminado.

Avolumam-se no discurso presidencial e de políticos e da militância raiz bolsonaristas violência simbólica, ataques e uso das redes sociais como espaço de disseminação e amplificação de *fake news*, pós-verdades, teorias da conspiração e de negacionismos<sup>15</sup>. O problema é que, paulatinamente, a violência simbólica acaba concretizando em violência concreta, física. Dois petistas foram assassinados por apoiadores do presidente Bolsonaro, candidatos no campo da esquerda foram ameaçados e o clima polarizado coloca todos em estado de estresse permanente. As condutas presidenciais, por sua vez, são, quase sempre, de tensionamento do tecido democrático

<sup>11</sup> Cf. em Almeida e Garrido (2022).

<sup>12</sup> Cf. em Abranches (2018).

<sup>13</sup> Cf. em Nobre (2013).

<sup>14</sup> Cf. em e Cardoso (2015).

<sup>15</sup> Cf. em Prando (2021).

e com discursos direcionados às urnas eletrônicas e ao sistema eleitoral brasileiro. Assim, da mesma forma que Donald Trump, Bolsonaro cria um ambiente propício ao não reconhecimento do resultado das eleições de 2022.

Os ataques bolsonaristas à velha política foram, nas eleições e durante o governo, constantes. A velha política é entendida como o “toma lá dá cá”, o fisiologismo e, no limite, a corrupção. Por isso, o bolsonarismo é repleto de virtudes e estas deveriam combater os vícios e práticas nefastas no seio da política e das instituições. A ponta de lança da velha política estaria representado pelo Centrão, conjunto de partidos com características, muitas vezes, fisiológicas e distantes do republicanismo.

Houve, até, momento, em que o General Augusto Heleno, Ministro Chefe do Gabinete de Segurança Institucional, ao se referir ao Centrão, cantarolou, num evento, “se gritar pega Centrão, não fica um, meu irmão”, trocando da letra original da música, “ladrão” por “Centrão”.

A forma de fazer política de Bolsonaro, dos bolsonaristas, nas ruas e nas redes sociais, levou a uma intoxicação do debate público. Com afirmações absurdas, ataques destemperados, discurso de ódio e boa dose de *fake news* o presidente conseguiu praticamente pautar a mídia tradicional. Segundo Giuliano Da Empoli, em *Os engenheiros do caos*, Bolsonaro, assim como Trump, nos EUA, promovem, com seus discursos e práticas, um carnaval populista numa alucinante espiral de absurdos numa lógica na qual o absurdo de hoje é substituído pelo absurdo de amanhã e assim, sucessivamente, até colocar a sociedade num estado de torpor, gerando uma naturalização da grosseria, dos absurdos, dos ataques; dificultando, sobremaneira, a diferenciação de fatos, da verdade objetiva, das *fake news* e das narrativas alicerçadas sobre a pó-verdade<sup>16</sup>.

## A PANDEMIA: FAKE NEWS, PÓS-VERDADE, TEORIAS DA CONSPIRAÇÃO E NEGACIONISMO.

Em 2019, primeiro ano do mandato de Bolsonaro, o mundo toma contato com uma situação que se conhecia apenas pelo conhecimento histórico ou pela ficção, ao menos para a maioria das pessoas. O coronavírus nos mergulha numa pandemia.

Inegável que cientistas, médicos, políticos e a população não sabiam o que fazer e como lidar com a situação que, dia após dia, se agravava. Nunca, antes, os cientistas, bem como os profissionais de saúde foram confrontados com uma árdua realidade, colocando todo o seu cabedal teórico e conhecimento prático a prova.

A Organização Mundial da Saúde (OMS), à luz do conhecimento disponível, sem tratamentos eficazes para a doença e sem vacina, recomendou graus de distanciamento e isolamento social objetivando achatar a curva de contaminação. A doença em seus quadros mais graves levou à UTI milhares de pessoas, ao uso contínuo de oxigênio e os óbitos se avolumavam mundo afora, com caminhões frigoríficos repletos de cadáveres.

Bolsonaro, em que pese sua formação militar básica, poderia, naquele momento, ter tratado o vírus como o grande inimigo a ser vencido. Poderia ter feito um chamamento à sociedade brasileira e aos cientistas e médicos, todos, unidos, em prol de equacionar e resolver um problema que se apresentava como uma conjugação de crises: sanitária, de saúde pública, econômica, educacional. Contudo, a estas crises, o presidente resolveu colocar mais uma: uma crise política.

Distante das recomendações da OMS, dos cientistas e de renomados médicos, Bolsonaro recebeu com desdém o coronavírus a ponto de afirmar que não passaria de uma gripezinha. Com doentes avançando para estados graves e com aumento considerável de óbitos, apresentou insensibilidade ímpar ao dizer que não poderiam

<sup>16</sup> Cf. em Empoli (2019); Cunha (2019) e D’Ancona (2018).

esperar muito dele, já que não era coeiro. Desta forma, o presidencialismo de confrontação ganhou contornos surreais. O presidente, assessorado por um gabinete paralelo, desautoriza seu ministro da saúde, Luiz Henrique Mandetta, e, incrivelmente, leva à sua demissão e, dali em diante, o ministério estratégico ficará acéfalo, sabotado pelo próprio líder da nação.

Ao assumir que vidas seriam perdidas e lidar com menoscabo com a pandemia, o presidente e os bolsonaristas atacaram às ações propostas para mitigar a contaminação, promovendo fechamento de serviços considerados não essenciais. Neste momento, o lema dos bolsonaristas era o de manter a economia funcionando, pois, em suas visões, a crise econômica ceifaria mais vidas que a Covid-19. Algo mais surpreendente, os doentes e os óbitos deixaram de ser divulgados com transparência pelo poder público e só foram conhecidos após a formação de um consórcio de veículos de mídia.

Na ótica presidencial, o STF o havia impedido de atuar no combate à pandemia. Assim, os inimigos, naquele momento, eram, além dos STF, os governadores e os prefeitos. A decisão do STF não impediu o presidente de agir, apenas deixou claro que a questão deveria ser tratada à luz da Constituição e das esferas municipal, estadual e federal, cada uma dentro de suas responsabilidades.

No Brasil, o cenário pandêmico foi agudizado pelas ações e omissões governamentais, contando, aproximadamente, com 685 mil mortos até meados de setembro de 2022. Fora os números alarmantes, a pandemia teve outro vírus, o da desinformação, das fake news. Somaram-se a estas as teorias da conspiração que geraram medo e desconfiança em relação às vacinas. Numa disputa pessoal com o Governador de São Paulo, João Doria (PSDB), para registrar quem seria o pai da vacina, o presidente perde a disputa, mas deixou um rastro de atrasos, má gestão e negacionismo.

Sua gestão na pandemia – ou falta dela – acirrou as inúmeras oposições, políticas e da sociedade civil, engendrando uma quantidade

enorme de pedidos de impeachment. Até meados de 2022, haviam sido registrados cerca de 145 pedidos de impeachment contra Bolsonaro. A pandemia, desta forma, foi capaz de gerar uma enorme insatisfação com o governo, refletido nas avaliações oriundas das pesquisas e, não raro, uma soma de ruim e péssimo próximo dos 50%. Entretanto, até nos piores momentos de sua gestão, com avaliação negativa elevada, Bolsonaro conseguiu manter sua base de apoio coesa e constantemente inflamada.

Estamos a menos de um mês das eleições e nenhum dos processos de impeachment foi levado à votação pelos Presidentes da Câmara dos Deputados: Rodrigo Maia, opositor ao governo e Arthur Lira, aliado de Bolsonaro.

## E, DE NOVO, A VELHA POLÍTICA: NA PRÁTICA, COM O CENTRÃO

Como, pode perguntar o prezado leitor e a prezada leitora, Bolsonaro concorre à reeleição, não sofreu impeachment e tem chances de ser reeleito?

A resposta às questões complexas não pode, jamais, ser simplista. Todavia, arrisco-me a dizer que a vida política de Bolsonaro tem, até o momento, duas cidadelas que o protegem: a presidência da Câmara, Arthur Lira, de um lado; do outro, o Procurador Geral da República, Augusto Aras. Ambos são alinhados ao presidente e são o anteparo institucional, seja no campo político ou jurídico que, até aqui, preservaram a presidência de Bolsonaro.

Aliás, não se têm notícias do General Heleno após o Centrão ter garantido, à custa de Orçamento Secreto, manejado habilmente por Lira, cantarolar “se gritar pega Centrão [...]”. Não, no santuário bolsonarista, coordenação lógica entre o discurso e a prática inexistem. O Centrão tão atacado, na campanha e no início do governo, é o fiel da balança que garantiu a sobrevivência política de Bolsonaro. A retórica é de uma impressionante elasticidade. O próprio presidente afirmou ser do Centrão. Depois de passar quase todo o mandato sem partido político, pois, depois



de eleito, Bolsonaro saiu do PSL, filiou-se ao PL e, com isso, como gosta de afirmar, namorou, noivou e se casou, com o Centrão.

A “velha política”, agora, na prática, não é tão velha. Quando, em entrevista, confrontado pela contradição entre o discurso e a prática, o presidente respondeu ao jornalista se ele tinha do desejo de que o presidente fosse um ditador, pois para governar ou era com o Centrão ou com os paridos de esquerda e com estes não seria possível. A elasticidade discursiva é marca da habilidade política de Bolsonaro, de seu carisma e de sua vivacidade populista e autoritária.

Às vésperas da eleição, o governo consegue aprovar uma PEC (Proposta de Emenda à Constituição) conhecida como PEC Kamikaze e, depois, como PEC das Bondades. Desta forma, conseguiu-se, no Congresso, turbinar uma série de benefícios sociais, como, por exemplo, o Auxílio Brasil no valor de 600,00; recursos para caminhoneiros, taxistas, bem como as sucessivas intervenções na Petrobrás visando diminuir os preços dos combustíveis. A gestão Bolsonaro não apenas driblou as regras fiscais, como, ainda, foi capaz de produzir distorções no jogo eleitoral. De um lado, Lula gostaria de que a corrida eleitoral fossem os 100 metros rasos e Bolsonaro, de outro, uma meia maratona para que, num virtual segundo turno, tenha resultados positivos na economia e, com isso, um melhor humor do eleitorado e maior aprovação de seu governo.

Se a aprovação do presidente subir, ou seja, uma economia vigorosa, as chances de reeleição aumentam consideravelmente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: DE PEDRA À VIDRAÇA

Como dito, anteriormente, as eleições ocorrerão em mais ou menos duas semanas. Ensina-nos o senso comum, acerca dos indivíduos muitos críticos, que é sempre mais fácil ser pedra do que vidraça.

A pedra quando lançada costuma quebrar a vidraça alheia, após a jogada, seu compromisso é estilhaçar.

Bolsonaro, na condição de vereador, de deputado e de candidato à presidência, em 2018, foi uma grande pedra que serviu nas mãos de milhares de brasileiros, dos bolsonaristas e de eleitores que, do medo do PT ou crenças na promessa de liberalismo, conservadorismo nos costumes e combate à corrupção, deram seu voto de confiança ao capitão reformado do exército.

Nos dias que correm, Bolsonaro poderá reavivar o candidato teflon?

Sua vidraça é, hoje, enorme e os resultados de seu governo estão presentes nas avaliações da opinião pública.

Os que aprovam em seu governo, votam nele e conseguem levá-lo ao segundo turno; os que reprovam votam, em larga medida, em Lula; e, em menor parcela, em Ciro Gomes e Simone Tebet, uma terceira via que não deslançou dada a musculatura política e eleitoral da polarização Lula x Bolsonaro.

Lula quer, principalmente, os votos de Ciro Gomes, procurando um voto útil já no primeiro turno.

Lula, de acordo com as pesquisas, tem larga vantagem no Nordeste, ganha nas Minas Gerais, segundo maior colégio eleitoral e praticamente está empatado com Bolsonaro em São Paulo. Bolsonaro está à frente no voto do eleitorado evangélico, mas é bem rejeitado entre as mulheres. A menor faixa de renda vota em Lula e maior em Bolsonaro. Estados ligados ao agronegócio estão com Bolsonaro.

Até o momento desenha-se um virtual segundo turno entre Lula e Bolsonaro. E um segundo turno disputadíssimo.

Pode ocorrer vitória de Lula num primeiro turno?

Pode, mas é pouco provável; no primeiro turno, o PT e Lula foram derrotados, por FHC, em 1994 e 1998.

Quando vitorioso, o PT – com Lula e Dilma – foram no segundo turno.

### **Sugestão do Autor**

Como asseverado na Introdução, esse retrospecto de 2018 a 2022 é panorâmico, de modo sociológico e político.

Há, ao final deste ensaio, uma recomendação bibliográfica para que, se assim desejarem, possam se aprofundar nos temas e assuntos aqui tratados.

## **REFERÊNCIAS**

- ABRANCHES, S. **Presidencialismo de coalizão**. Raízes e evolução do modelo político brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ALMEIDA, A. C.; GARRIDO, T. **A mão e a luva**. O que elege um presidente. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2022.
- ALMEIDA, A. C. **O voto do brasileiro**. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- ALMEIDA, A. C. **A cabeça do brasileiro**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007.
- AMARAL, L. F. P.; PRANDO, R. A. (Orgs.). **Fake news: riscos à democracia**. São Paulo: Editora do IASP, 2021.
- AVELAR, I. Eles em nós. **Retórica e antagonismo político no Brasil do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- AVRITZER, L. Política e antipolítica. **A crise do Governo Bolsonaro**. São Paulo: Todavia, 2020.
- \_\_\_\_\_.; KERCHE, F.; MARONA, M. (Orgs.). Governo Bolsonaro. **Retrocesso democrático e degradação política**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.
- BARRETO JÚNIOR, W. **Bolsonaro e seus seguidores**. 1.560 frases. São Paulo: Geração Editorial, 2021.
- BRUM, E. **Brasil, construtor de ruínas – um olhar sobre o país, de Lula a Bolsonaro**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2018.
- CARDOSO, F. H. A miséria da política. **Crônicas do lulopetismo e outros escritos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CARVALHO, O. **O imbecil coletivo**. Atualidades inculturais brasileiras. Rio de Janeiro: Record, 2018a.
- \_\_\_\_\_. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Record: Rio de Janeiro, 2018b.
- CARVALHO, L. M. **O cadete e o capitão**. A vida de Jair Bolsonaro no quartel. São Paulo: Todavia, 2019.
- CARVALHO, H. de; BUGALHO, H. **Meu pai, o guru do presidente**. A face ainda oculta de Olavo de Carvalho. Curitiba: Kotter Editorial; Editora 247, 2020.
- CUNHA, M. V. da. **A tirania dos especialistas**. Desde a revolta das elites do PT até a revolta do subsolo de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2019.
- D'ANCONA, M. **Pós-verdade**. A nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri: Faro Editorial, 2018.
- DEMOCRACIA EM RISCO?** 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- EATWELL, R.; GOODWIN, M. **Nacional-populismo**. A revolta contra a democracia liberal. Rio de Janeiro: Record, 2021.
- EMPOLI, G. Da. **Os engenheiros do caos**. São Paulo: Vestígio, 2019.
- GHIRALDELLI, P. **A filosofia explica Bolsonaro**. São Paulo: LeYa, 2019.
- HOLANDA, S. B. de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

- LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- MOUNK, Y. **O povo contra a democracia**. Por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- MOURA, M.; CORBELLINI, J. **A eleição disruptiva: por que Bolsonaro venceu**. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- NOBRE, M. **Limites da democracia**. De junho de 2013 ao Governo Bolsonaro. São Paulo: Todavia, 2022.
- NOBRE, M. **Ponto-final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia**. São Paulo: Todavia, 2020.
- NOBRE, M. **Imobilismo em movimento**. Da abertura democrática ao Governo Dilma. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- OYAMA, T. **Tormenta. O governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- PINHEIRO-MACHADO, R.; FREIXO, A. de (Orgs.). **Brasil em transe: bolsonarismo, nova direita e desdemocratização**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019.
- PRADO, M. **Tempestade ideológica**. Bolsonarismo: a alt-right e o populismo iliberal no Brasil. São Paulo: Editora Lux, 2021.
- PRANDO, R. A. **Discurso político e populismo: caso Governo Bolsonaro**. In: FRATINI, J. (Org.). **Ideologia: uma para viver. As teorias que orientam o pensamento político atual**. São Paulo: Matrix, 2022.
- PRANDO, R. A. **Conhecimento, fake news e política na sociedade brasileira**. In: AMARAL, L. F. P.; PRANDO, R. A. (Orgs.). **Fake news: riscos à democracia**. São Paulo: Editora do IASP, 2021.
- RAIS, D. (Coord.). **Fake News: a conexão entre a desinformação e o direito**. São Paulo: Thomson Reuters Brasil, 2020.
- ROCHA, J. C. de C. **Guerra cultural e retórica do ódio**. Crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021a.
- ROCHA, C. **Menos Marx, mais Mises. O liberalismo e a nova direita no Brasil**. São Paulo: Todavia, 2021b.
- SPYER, J. **O povo de Deus. Quem são os evangélicos e por que eles importam**. São Paulo: Geração Editorial, 2020.